

Blogs no campo científico: subjetivação e profanação

Natália Martins Flores

Mestre | Universidade Federal de Pernambuco
nataliflores@gmail.com

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

Doutora | Universidade Federal de Pernambuco
isaltina@gmail.com

Resumo

Neste trabalho tecemos reflexões sobre os blogs de ciência como dispositivos de divulgação científica. Procuramos compreender em que medida os blogs de Ciência escritos por pesquisadores representam modificações nas práticas interacionais entre cientista, instituição científica e não cientistas. As reflexões apontam para os blogs como dispositivos relacionados a processos de subjetivação do cientista e de profanação da Ciência.

Palavras-chave

Divulgação científica, blogs, subjetivação

1 Introdução

Atualmente, há um crescente incentivo por parte das agências de fomento de pesquisa brasileiras a atividades de divulgação e educação científica, o que é atestado pela criação recente de uma aba na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para registro de atividades dessa ordem. O incentivo institucional soma-se às iniciativas individuais de estudantes de pós-graduação e pesquisadores, por meio da criação de *blogs* independentes. Uma breve pesquisa em dois condomínios de *blogs* de ciência, Anel de Blogs Científicos e Roda de Ciência¹, mostra-nos a existência de cerca de 225 *blogs*, apenas portugueses e brasileiros destinados a comunicar Ciência para não cientistas. Esse número cresce se somarmos a este os *blogs* de outros

condomínios internacionais, como o Science Blogs², que, além de *blogs* em português, agrega outros em alemão e inglês.

O crescimento de espaços de divulgação científica não traz implicitamente uma reflexão acerca da prática da divulgação científica, já que, segundo Carlos Vogt (2006), boa parte dessas atividades ainda utilizam estratégias tradicionais da comunicação das Ciências, como se estas implicassem em uma mera transferência de conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário pensar a comunicação de Ciência como um processo dinâmico e complexo de produção de sentido entre interlocutores. Quando praticada por cientistas, a divulgação científica também pode ser explicada pelas motivações específicas desses indivíduos e insere-se na dinâmica do campo científico, produzindo encaixes e desencaixes no funcionamento deste.

Partindo da necessidade de pensar a natureza complexa da comunicação de Ciência, empreendemos neste artigo reflexões sobre os *blogs* de Ciência como dispositivos de comunicação científica. Nosso questionamento procura compreender em que medida os *blogs* de Ciência, escritos por pesquisadores, representam a emergência de outras práticas interacionais entre cientista, instituição científica e não cientistas. Para tanto, partimos dos conceitos de Raymond Williams (1977) de estruturas dominantes, residuais e emergentes. Utilizamos *blogs* do condomínio ScienceBlogs Brasil para exemplificar nossas reflexões.

Procuramos refletir sobre a inserção de *blogs* no campo científico e o que estes representam diante de outras práticas e dispositivos científicos. Primeiramente, abordamos a constituição do campo científico e as tensões que fazem parte deste, para, depois, discorrermos sobre os *blogs* como estruturas emergentes na comunicação científica e como dispositivos de profanação. Mescladamente a esse cenário, observamos a sobrevivência de elementos residuais da cultura científica nos *blogs*, o que é tratado na última seção deste artigo. As reflexões aqui propostas não são proposições fechadas, mas pretendem servir como fomentadoras de outras discussões sobre a comunicação científica realizada por cientistas.

2 Prática científica: tensões e negociações

A reflexão sobre o espaço ocupado pelos *blogs* como práticas de comunicação científica exige a compreensão da constituição do campo científico e das tensões e negociações que existem entre seus atores sociais. Essas tensões são responsáveis pela

própria legitimação da Ciência, a qual, segundo Pierre Bourdieu (2008), é permanentemente disputada, tanto no mundo social quanto na comunidade científica.

Os estudos sobre o campo científico de Bourdieu permitem compreender os graus de tensões que configuram a esfera científica. No nível macro, diversas correntes teóricas e áreas de pesquisa disputam a legitimidade do seu fazer científico. As tensões estão no cerne do campo científico e auxiliam a definir as fronteiras da Ciência de determinado período histórico. No início do século XIX, por exemplo, as disputas giravam em torno das Ciências Naturais e das Ciências Humanas, estas últimas buscando legitimação no campo científico. A legitimidade do saber científico é também disputada dentro de uma mesma disciplina, em que há o embate entre diferentes correntes teóricas. Esse cenário mostra a heterogeneidade na construção do saber científico, o qual não é dado, mas produzido por meio de negociações.

No nível micro, há disputas entre laboratórios de pesquisa e cientistas, os quais procuram a legitimação no campo como forma de acender a determinadas posições na carreira científica. Essa dinâmica pode ser compreendida quando observamos que os cientistas distribuem-se no campo científico de acordo com o capital científico que possuem. Segundo relata Bourdieu, a distribuição desse capital, fundado no conhecimento e reconhecimento, determina as relações de força entre os cientistas. Assim, antes de ser um campo homogêneo de trocas generosas entre seus atores, o campo científico é configurado como um espaço de conflitos,

[...] como campo de acção socialmente construído em que os agentes dotados de diferentes recursos se defrontam para conservar ou transformar as relações de força vigentes. Os agentes empreendem aqui ações que dependem, nos seus fins, meios e eficácia, da sua posição no campo de forças, ou seja, da posição na estrutura de distribuição de capital (BOURDIEU, 2008, p. 54).

A constituição do campo científico é determinada pela relação entre cientistas que ocupam posições diferentes. Bourdieu explora essas posições ao referir-se aos agentes como dominantes (*first movers*) e dominados (*challengers*). Os primeiros defendem a estrutura consolidada do campo científico, pois encontram-se numa posição privilegiada e podem impor as suas regras ao jogo. Os cientistas pertencentes a essa categoria são referências na sua área e possuem vantagens na concorrência no campo. No entanto, a presença dos

dominados obriga os dominantes a exercerem uma vigilância constante para que possam manter sua posição na estrutura científica.

A disputa existente entre cientistas dominantes e dominados permite observar as lutas pela manutenção da hegemonia no campo científico. Descrita por Williams (1977) como sistemas de significados e valores experimentados como práticas sociais de distribuições específicas de poder, a hegemonia não se constitui numa superestrutura, mas é vivida nas práticas cotidianas, nas quais é confirmada como realidade absoluta pelas pessoas. No caso da estrutura científica, podemos pensar a hierarquização dos cientistas como uma prática hegemônica, pois esta é predominante nessa estrutura e é tida como natural pelos seus membros.

A hierarquização é vivenciada nas práticas cotidianas do campo científico, desde a posição, o grau de admissão e as normas e princípios do campo científico. A posição legítima dos cientistas que possuem maior capital científico a expressarem suas opiniões, enquanto submete ao silêncio os cientistas com menor capital científico. A hierarquia do campo é reproduzida também na construção social da prática científica, considerada como um lugar inacessível à maioria da população. Na visão tradicional de divulgação científica, estabeleceu-se uma hierarquização entre o cientista e o leigo, na qual o primeiro é colocado na posição superior, de detentor do saber científico, sujeito que deve iluminar o leigo, que é subjugado a uma posição inferior.

A admissão no campo científico funciona segundo a exigência de competência, o capital científico incorporado e a crença no jogo (BOURDIEU, 2008). O cientista precisa mostrar que é capaz de resolver problemas científicos interessantes e importantes e também precisa incorporar-se ao jogo, por meio da submissão a princípios do mundo científico. Isso implica ao cientista adaptar-se a normatizações científicas como a objetividade e a precisão.

A filiação aos princípios expressa-se exemplarmente na redação científica, momento em que o cientista seleciona a linguagem adequada para se dirigir aos seus pares. A utilização de linguagem impessoal permite ao cientista seguir as regras de cientificidade da expressão oficial da Ciência ao redigir relatórios científicos, reduzindo ao máximo a intervenção humana. No caso do artigo científico, Maria José Coracini (1991) observa que sua redação segue uma padronização rígida de organização textual, estabelecida pela

comunidade ou pela revista científica. As normas delimitam, por exemplo, o número de páginas e a organização das seções do artigo, restringindo a liberdade formal do cientista.

A relação entre o cientista e as normas e regras científicas não ocorre de modo mecanicista, como se a superestrutura determinasse o sujeito. Ao contrário, as normas são produzidas num jogo permanente entre instituição científica e cientista, sendo que esse último possui papel ativo na incorporação e apropriação destas. Determinadas normas científicas tornam-se parte do “habitus” do cientista, seu modo de agir sobre o mundo. Bourdieu discorre sobre essa relação quando afirma que as normas apenas funcionam devido ao reconhecimento prático dos cientistas:

As normas e princípios, que determinam, se quisermos, o comportamento do cientista, só existem enquanto tal – ou seja, enquanto instâncias eficientes, capazes de orientar a prática dos cientistas no sentido da conformidade às exigências de cientificidade – porque são entendidas por cientistas familiarizados com ela, o que os torna capazes de as perceber e apreciar, e ao mesmo tempo dispostos e aptos a cumpri-las (BOURDIEU, 2008, p. 62).

O funcionamento do campo científico possibilita às normas serem aceitas como naturais e difíceis de serem questionadas, neutralizando possíveis tensões. Os questionamentos, quando feitos, partem de cientistas que possuem maior capital científico, sendo que, ao cientista novato, resta apenas adaptar-se ao sistema. Para esse sujeito, existe pouca liberdade formal e criativa diante das normatizações e hierarquias do campo científico.

Apesar de predominarem no campo científico, a hierarquização e as normas científicas são questionadas em algumas ocasiões e, eventualmente, entram em desuso. Isso ocorre devido à própria natureza da hegemonia, que não é fixa. Esta é sempre um processo que, como afirma Williams (1977), precisa constantemente ser recriada, demarcada, renovada. Por vezes, algumas pressões e atividades internas ou externas podem desafiar-la ou transformá-la. A hegemonia do campo científico pode ser modificada pela emergência de novos espaços de apropriação não programados pela estrutura científica, como é o caso dos *blogs* de Ciência.

3. Os blogs de ciência como estruturas emergentes

O surgimento de ferramentas de publicação com interface amigável ao usuário possibilitou a popularização dos *blogs* na rede e a apropriação destes por diversas comunidades, entre estas a científica. Ao lado de canais formais, como livros e periódicos científicos, os *blogs* tornaram-se espaços de comunicação e publicação úteis para o meio acadêmico e, em algumas áreas de pesquisa, já começam a instituírem-se como práticas sociais (KJELLBERG, 2010). Estes possibilitam aos pesquisadores a produção e a disseminação de conteúdo para um público mais amplo e não necessariamente científico.

O *blog* de ciência produz desencaixes no sistema hegemônico da estrutura científica e surge como prática emergente da comunicação científica. Orienta-se pela perspectiva de Williams (1977), que denomina de emergente toda prática que, além de ser nova e de criar novos tipos de relação, é substancialmente alternativa ou oposta à cultura dominante. O *blog* opõe-se à estrutura hegemônica da ciência e permite articular a prática e a comunicação científica de modos diferentes.

A oposição à estrutura dominante da cultura científica ocorre no *blog* por meio da exclusão das hierarquizações e das normatizações da instituição científica. Ao possibilitar a livre expressão de qualquer cientista que se apropria deste, o *blog* exclui a hierarquia entre cientistas, própria do campo científico. Não é necessário ter capital científico para expressar-se nos *posts* e comentários dos *blogs*. Diferentemente, o que se observa é que os papéis de produtores são assumidos por jovens iniciantes do campo científico, com pouco capital científico, enquanto os comentários são feitos por qualquer um, seja cientista ou não. Do mesmo modo, a negação das normatizações científicas permite ao *blog* configurar-se como um espaço de subjetivação e reflexividade para o cientista.

A prática de blogar proporciona ao cientista um processo de subjetivação diferente dos processos experimentados por meio de outros dispositivos do mundo científico. Como dispositivo capaz “de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” (AGAMBEN, 2009, p. 40) do cientista-blogueiro, o *blog* constitui-se como uma prática que faz emergir outras formas de articulação entre o cientista e a prática científica, transformando o seu modo de representação.

A forma hegemônica de representação objetivada e desumanizada do cientista, construído pela instituição científica como “um indivíduo ao abrigo das ideologias, dos

desvios passionais e das tomadas de posição subjetivas ou valorativas” (JAPIASSÚ, 1975, p. 11), é colocada em xeque pela emergência dos *blogs*, os quais restituem a subjetividade a esse sujeito. Os canais constituem-se em dispositivos que trazem marcas informais e subjetivas do cientista-blogueiro, como comentários, críticas pessoais e relatos de experiências do seu cotidiano. Esses relatos proporcionam a criação do perfil de um cientista que expõe a sua visão de mundo na rede.

Uma breve observação dos 20 *blogs* de Ciência escritos por pesquisadores da rede ScienceBlogs Brasil mostra que os traços subjetivos são recorrentes nos seus *posts*. O pesquisador utiliza-se da informalidade, que lhe é negada nas publicações científicas tradicionais, e publica conteúdos com humor e outros elementos que dificilmente teriam espaço em relatórios científicos. Na Figura 1, o blogueiro publicou fotos da rotina de seu laboratório durante o carnaval. A utilização da primeira pessoa do singular e a exposição dos bastidores da pesquisa por meio da fotografia são elementos que subjetivizam os cientistas do laboratório, mostrando a intervenção humana na prática científica.



Figura 1 - Post de *blog* de Ciência utiliza informalidade.

Fonte: RNAm. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/rnam/2012/02/carnaval-academico/>

A maneira informal e subjetiva permite aos blogs de Ciência funcionarem como espaços de liberdade dos cientistas, à parte das regras e normas do campo científico. Nesses espaços, os cientistas-blogueiros eximem-se da responsabilidade de lidar com sistemas de avaliação, relatórios e a lógica do *publish or perish* da prática científica. As escolhas do que e de como publicar partem do blogueiro, que tem total liberdade para postar suas opiniões e impressões. Em alguns casos, os cientistas-blogueiros postam críticas ao funcionamento do sistema científico e às políticas científicas, textos que raramente encontrariam espaço em relatórios e artigos científicos. Utiliza-se o blog, por exemplo, para discutir sobre a política de acesso aberto e seu impacto no conhecimento científico (Figura 2).



Figura 2 - Post de *blog* sobre acesso aberto

Fonte: Rainha Vermelha. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/rainha/2012/02/acesso-aberto/>

Num segundo momento, atentamos para a função de reflexividade do *blog*, a de servir como um espaço de reflexão para o cientista-blogueiro. De acordo com Anthony Giddens (1991), a reflexividade insere-se no funcionamento da modernidade tardia e consiste em examinar e reformular as práticas sociais à luz de novas informações. No caso dos *blogs* de ciência, o que se faz é refletir sobre a prática científica por meio da divulgação científica.

Para Baudouin Jurdant (2006), a prática da reflexividade é uma das motivações do cientista para divulgar ciência. Esta tem pouca relação com o discurso corrente da divulgação científica como compartilhamento do saber e transmissão de conhecimentos que visariam diminuir o fosso existente entre cientista e leigo. A divulgação científica seria um modo de o cientista compreender melhor o que ele faz, submetendo a atividade científica às exigências reflexivas da fala.

Se é verdade que a língua proporciona a experiência da reflexividade somente em sua dimensão oral, e se é verdade que as comunidades científicas ressentem-se dessa exigência em nome da necessidade de sua integração sociocultural, então poderemos compreender que a divulgação tenha surgido como um mecanismo de “apropriação oral” da Ciência, a qual, não devemos esquecer, é desde o início, e antes de tudo, escrita. A divulgação teria, assim, como objetivo essencial “fazer falar” a Ciência, o que implica, ao mesmo tempo, sua integração na língua comum e o privilégio que ela concede à relação entre ciência e realidade, entre as palavras e as coisas (JURDANT, 2006, p. 55).

Um dos papéis primordiais da divulgação científica é, então, a de textualizar a ciência, integrando-a à realidade por meio da mediação com a língua comum. Por essa razão, Jurdant (1996) é categórico ao afirmar que a vulgarização da Ciência pertence ao próprio cerne da atividade científica, suprimindo a necessidade de exoterismo desta. Essa perspectiva parece ser também adotada pelos cientistas-blogueiros da rede ScienceBlogs Brasil, que parecem compreender a divulgação científica como necessária para sua atividade profissional e para a Ciência, em geral. No *post* do *blog* SocialMente (Figura 3), o blogueiro incentiva pesquisadores a criarem seus próprios *blogs*, mostrando as vantagens que esse canal proporciona à carreira do cientista.



Figura 3 - Post incentiva cientistas a blogar

Fonte: Socialmente. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/socialmente/2012/04/divulgar-ciencia-vai-ajudar-a-sua-carreira-nao-atrapalhar/>.

A reflexividade produzida pela divulgação científica é um elemento emergente na cultura científica devido à sua inexistência no meio científico e à oposição que representa aos modos tradicionais de representação da ciência. A vinculação a um paradigma, a uma maneira de enxergar a realidade, e a forma impessoal da escrita científica não permitem ao cientista refletir sobre a dimensão representativa de sua atividade (JURDANT, 2006). Nos *blogs*, ele encontra espaço para restituir a sua subjetividade ao refletir sobre a prática cotidiana, utilizando uma escrita informal, afastada das regras da escrita científica.

Outro aspecto importante da reflexividade no *blog* de Ciência é a sua atuação na construção de uma autoidentidade para o cientista-blogueiro. Compreendido “como um projeto reflexivo pelo qual o indivíduo é responsável” (GIDDENS, 2002, p. 74), constituído na modernidade tardia, o eu do cientista é construído por meio da narrativa do *blog*. A seleção de *links* e temas e a narração de experiências pessoais permitem ao blogueiro revelar a sua personalidade, o seu *self* (BLOOD, 2002), o qual é mascarado no e pelo discurso formal científico. Esse processo também produz uma reflexão do cientista-blogueiro sobre

si, o qual constrói sua autoconsciência por meio da revisitação do que ele já escreveu em seu *blog*.

4. Os blogs como dispositivos de profanação

A emergência do *blog* como alternativa para a subjetivação do cientista-blogueiro produz consequências no contexto mais amplo da comunicação científica. A informalidade e subjetividade do *blog* fazem-no constituir-se como um dispositivo de profanação da Ciência que proporciona outras formas de articulação entre cientistas, instituição científica e não cientistas.

Para Giorgio Agamben (2007), a profanação significa restituir ao uso dos homens comuns um objeto que foi separado e tornado indisponível. Esse processo ganha uma dimensão política na medida em que se procura desativar os dispositivos do poder que permitiram a instalação da aura no objeto. O uso dos *blogs* por cientistas estaria associado, então, a uma neutralização da ciência, a qual perde sua aura e é restituída a espaços do senso comum, confiscados pela própria constituição da Ciência moderna³.

A profanação da Ciência ocorre nos *blogs* por meio de práticas discursivas relacionadas à escolha de maneiras informais e subjetivas de construção textual. Há uma dessacralização da atividade científica, com as marcas de informalidade e humor, as quais apresentam a Ciência como algo divertido e empolgante. Também o cientista é dessacralizado no momento em que assume nos *blogs* uma imagem de homem comum, afastado da imagem de sujeito inacessível, sério e perito apenas no seu tema de pesquisa. No seu *blog*, o cientista-blogueiro escreve sobre ciência, mas também tece opiniões sobre política, meio ambiente, fatos do seu dia a dia e experiências pessoais. Esse tratamento cria um caráter mais humano para a Ciência e o cientista, aproximando-os do universo do leitor.

A profanação ocorre também por meio da apropriação do conteúdo dos *blogs* por pessoas comuns. A ferramenta “comentários”, por exemplo, possibilita que qualquer pessoa opine sobre os “posts” e insira-se nas discussões dos *blogs*. Diferentemente do funcionamento do universo institucional científico, no qual a legitimidade da palavra está relacionada à posição do cientista no campo, a participação no *blog* não exige grau de instrução. Os comentaristas que parecem ter proximidade com o campo científico raramente se identificam como cientistas e procuram debater com os participantes num nível de igualdade. A inserção do indivíduo nas discussões sobre Ciência nos *blogs* pauta-se

mais em sua opinião e posicionamento na blogosfera do que em sua posição social no campo científico.

Os comentários dos *blogs* restituem a Ciência ao universo do senso comum e às discussões que ocorrem nesta esfera, já que seus temas podem ser comentados por qualquer um. Os debates sobre as temáticas do *blog* permitem ao cientista-blogueiro construir conteúdos de maneira colaborativa com outros atores, além de seus pares. Indivíduos utilizam o espaço dos comentários, por exemplo, para indicar bibliografias sobre o tema discutido no “post”, construindo, assim, um conhecimento colaborativo (Figura 4).



Figura 4 - Comentários em blog de ciência.

Fonte: Socialmente. Disponível em:

<http://scienceblogs.com.br/socialmente/2012/01/fatos-interessantes-sobre-a-memoria-humana/>.

O cenário de colaboração ao qual o *blog* dá espaço relaciona-se à natureza da Ciência contemporânea, que, para Yuri Castelfranchi (2010), está cada vez mais reflexiva. O pesquisador explica que a atividade científica tornou-se importante demais para ser discutida apenas por cientistas. Para ser legitimada e receber financiamentos, a Ciência necessita de uma interação cada vez maior entre cientistas e não cientistas e uma participação ampliada. A instituição científica precisa saber dialogar e negociar com atores sociais diversos, como políticos, administradores, movimentos sociais etc.. O *blog* torna-se

útil como ferramenta de comunicação científica que pode proporcionar a aproximação e o diálogo entre esses atores.

Os *blogs* de Ciência representam indícios de uma abertura da comunidade científica a não cientistas, uma nova configuração na qual a separação rígida entre cientistas e não cientistas torna-se fluida, quase inexistente. As interações entre esses indivíduos são facilitadas pelas ferramentas do *blog* e tornam-se constantes nesse espaço. Na comunicação de Ciência do *blog*, o sentido produz-se, então, no intercâmbio de opiniões e na construção coletiva de conteúdo entre membros da comunidade científica e indivíduos externos. Observa-se, então, a emergência de uma nova cultura de divulgação científica baseada na informalidade, no compartilhamento e na participação.

5. A permanência de formas residuais

Ainda que as rupturas sejam mais significativas, os *blogs* também carregam estruturas residuais do campo científico que reforçam a hegemonia da cultura a que pertencem. Essas estruturas permitem observarmos os *blogs* como objetos que se inserem na própria prática científica e no campo de disputa entre cientistas por capital científico. Nesse contexto, os *blogs* são apropriados pelos cientistas como forma de demarcar sua posição no espaço de lutas simbólicas do campo científico.

Observar o residual presente nos *blogs* de ciência é deter-se em elementos que foram formados no passado, mas ainda se encontram presentes e ativos no presente de determinada cultura (WILLIAMS, 1977). Na cultura científica, as estruturas residuais referem-se a elementos da prática científica tradicional que ainda são legitimadas por práticas emergentes como os *blogs*. Nesse caso, o residual remete à utilização do *blog* para a manutenção de atividades essenciais para a práxis científica, como a escrita, a atualização, a interação e a criação de relacionamentos. Aliada a essas funções, o *blog* seria utilizado pelos cientistas como uma ferramenta para aprimorar a sua criatividade, compartilhar conteúdo e sentir-se conectado (KJELLBERG, 2010).

As atividades desempenhadas pelos cientistas nos *blogs* são recorrentes nas práticas científicas tradicionais. Dispositivos como blocos e cadernos de notas, por exemplo, serviam como espaço de criatividade para o cientista anotar suas ideias. As publicações científicas auxiliavam na disseminação de conteúdo, enquanto os grupos e redes de pesquisa faziam o pesquisador sentir-se conectado. Com a apropriação dos *blogs*, há uma renovação desses

elementos da cultura científica, o que Williams (1977) chama de fase nova da cultura dominante. Esse fenômeno repetiria padrões da comunicação científica tradicional, acoplando a estes uma ampliação da acessibilidade e da interação entre usuários. O *blog* facilita o acesso de qualquer usuário da rede a informações e anotações antes restritas ao cientista e também permite ao cientista-blogueiro conhecer pessoas que dificilmente teria contato por meio dos meios tradicionais de comunicação científica.

A renovação de elementos da cultura dominante permite observar o *blog* como um espaço inserido na prática científica e, por isso, impregnado de tensões do campo científico. Assim, o *blog* também serve para perpetuar estruturas da instituição científica, como posição social e reconhecimento; torna-se um espaço de construção do cientista diante da comunidade científica. Kjellberg (2010) corrobora essas reflexões quando afirma que a identidade do cientista-blogueiro, construída por meio dos textos opinativos do blog, apresenta-se como importante para a criação de relacionamentos e o posicionamento do pesquisador na sua área de pesquisa.

As estruturas residuais também aparecem quando atentamos para o *blog* enquanto espaço de visibilidade da ciência. Assim como outros mecanismos midiáticos apropriados pelo campo científico, os *blogs* de ciência são utilizados para legitimar o campo científico e suas atividades diante da sociedade em geral. Num contexto em que a comunicação científica torna-se prática intrínseca ao funcionamento da Ciência (CASTELFRANCHI, 2010), os *blogs* auxiliam na perpetuação do espaço social da atividade científica.

6. Considerações Finais

A recente apropriação do dispositivo *blog* pela comunidade científica mostra que há um reconhecimento cada vez maior por parte dos cientistas das potencialidades do *blog* como ferramenta de comunicação científica. O estudo dos *blogs* de Ciência enquanto dispositivos de comunicação científica permite a proposição de novas reflexões aos estudos de divulgação científica. Como os *blogs* são produzidos pelos próprios membros da comunidade científica, há um deslocamento do eixo de observação para a divulgação científica, enquanto prática inserida no campo científico e, por isso, integrada às tensões do contexto institucional do fazer científico.

Os *blogs* de Ciência representam estruturas emergentes na comunicação científica e promovem modificações nas práticas interacionais entre cientistas, não cientistas e

instituição científica. Essas mudanças deflagradas nos *blogs* por meio do uso da linguagem informal podem ser observadas em dois processos: a) a subjetivação e reflexividade do cientista no *blog*, no qual modificam-se as práticas interacionais entre cientistas e instituição científica; b) a profanação da Ciência, na qual modificam-se as práticas interacionais entre cientistas e não cientistas, por meio da disponibilização de espaços participativos.

A linguagem utilizada nos *blogs* diferencia-se da linguagem formal científica adotada pelos cientistas no contexto da instituição científica. As regras adotadas no momento de produzir e publicar artigos e relatórios científicos não são necessariamente aplicadas no mundo virtual, quando o cientista escreve em seu *blog*. Isso ocorre porque o cientista encontra-se em outro ambiente e molda seu discurso com o objetivo de satisfazer os seus potenciais interlocutores, os quais podem ser distintos em relação a seus pares e à comunidade científica. Por meio da libertação das amarras do campo científico, o dispositivo *blog* permite a construção de outras formas de subjetivação do cientista-blogueiro. No entanto, estruturas residuais da cultura científica são perpetuadas por esses dispositivos, fazendo do *blog* um jogo constante entre mudança e permanência de estruturas no processo de subjetivação do cientista.

O *blog* também estabelece outras formas de interação entre cientista e não cientista. A presença da informalidade e da participação no espaço dos *blogs* resolve questões problemáticas no campo da comunicação científica, como a necessidade de atrair e integrar o público a temas complexos das Ciências. Com um leve toque de humor, as postagens dos *blogs* auxiliam a aproximação do público com a atividade científica, ao mesmo tempo em que desconstroem o perfil mítico do cientista.

Notas

¹ <http://anelciencia.wordpress.com> e <http://rodadeciencia.blogspot.com.br/>.

² Segundo Átila Iamarino (2009), um dos administradores da comunidade ScienceBlogs Brasil, a Science Blogs é a maior rede de *blogs* de Ciência do mundo, agregando a maior comunidade on-line de Ciência. Existem versões da rede em língua alemã, inglesa e portuguesa.

³ A produção da aura da Ciência consistiu num processo de separação entre Ciência e não ciência, no qual há um apagamento das origens da Ciência que ligavam o conhecimento científico a elementos cotidianos (FOUREZ, 1995). Esse processo ocorreu ao longo da constituição da Ciência moderna.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BLOOD, R. **The Weblog Handbook: Practical Advice on Creating and Maintaining Your blog.** Cambridge: Perseus Publishing, 2002.

BOURDIEU, P. **Para uma Sociologia da Ciência.** Lisboa: Edições 70, 2008.

CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia para o público. (Muitas respostas óbvias... mas uma necessária). In: MASSARANI, L. (coord). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana.** Rio de Janeiro: Fiocruz-COC-Museu da Vida, 2010, 112p. p.13-21.

CORACINI, M. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência.** Campinas, SP: Pontes, 1991.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências.** São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1995.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

IAMARINO, A. **Mais mudanças.** 2009. Disponível em:
<http://scienceblogs.com.br/rainha/2009/02/mais-mudancas/>. Acesso em: 18 jun. 2012.

JAPIASSÚ, H. **O mito da neutralidade científica.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

JURDANT, B. Falar ciência? In: VOGT, C. (org). **Cultura Científica: desafios.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006. p.44-55.

_____. Enjeux et paradoxes de la vulgarisation scientifique. In: Article paru Dan les Actes du colloque **La promotion de la culture scientifique et la technique: ses acteurs et leurs logiques**, 12-13 décembre 1996, Université Paris 7 – Denis Diderot, p. 201-209.

KJELLBERG, S. I am a blogging researcher: motivations for blogging in scholarly context. **First Monday**, Bridgman, v.15, n.8, 2 aug. 2010, Disponível em:

<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/2962/2580>. Acesso em: 13 de junho de 2012.

VOGT, C. Ciência, Comunicação e Cultura Científica. In: VOGT, C. (org). **Cultura Científica: desafios.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006. p.18-26.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

Blogs in scientific field: subjectification and profanation

Abstract

In this paper we reflect about the blogs of science as science communication devices. We seek to understand to which extent science blogs written by researchers represent changes in interactional practices between scientist, scientific institution and non-scientists. Reflections point to blogs as devices related to processes of subjectification of scientist and of profanation of science.

Keywords

Science Communication, blogs, subjectivatio

Los blogs en el campo científico: subjetivación y profanación

Resumen

Se hacen reflexiones acerca de los blogs de ciencia en tanto que dispositivos de divulgación científica. Se intenta comprender en que medida los blogs de ciencia escritos por investigadores representan cambios en las prácticas interaccionales entre científicos, institución científica y no-científicos. Las reflexiones apuntan hacia los blogs en su condición de dispositivos relacionados a procesos de subjetivación del científico y de profanación de la ciencia.

Palabras-clave

Divulgación científica, blogs, subjetivación

Recebido em 05/04/2013

Aceito em 26/09/2013